



O Candeeiro

Agroecologia e qualidade de vida no Semiárido

O casal de agricultores Genilza Maria da Silva Pereira, de 21 anos, mais conhecida como Daíza, e Givanilson Pereira da Silva, de 30 anos, mora na comunidade de Pedra Branca, no município de Cumarú, Agreste Setentrional de Pernambuco. Eles participam do Grupo de Agricultores Agroecológicos de Pedra Branca e Queimadas.

Na propriedade de um hectare e meio, o casal pratica a agroecologia desde 2005, quando Daíza participou de uma capacitação sobre agrofloresta, realizada pelo Centro Sabiá. Ela conta que no início ouvia muitos comentários na comunidade de que o trabalho com agrofloresta não daria certo. “No começo foi difícil. Quem participou do curso foi chamado de doido. Diziam que não tinha futuro, inclusive, o meu próprio marido me criticou”, lembra Genilza.

No entanto, ela não desistiu e foi quem incentivou Givanilson a participar dos intercâmbios e das oficinas. “Fiquei insistindo até que ele começou a participar e me ajudar na agrofloresta”, conta ela. Com o tempo a família foi adotando práticas agroecológicas. “Antes de trabalhar com a agroecologia a gente queimava os monturos de mato, uma vez o fogo pegou até na produção de palmas. Hoje não fazemos mais isso e não usamos venenos. Trabalhamos ajudando a terra”, explica o agricultor.

A participação do casal em oficinas e intercâmbios de experiências foi fundamental para que comesçassem a formar um banco de sementes. “O banco de sementes é bom porque nos próximos anos temos sementes para o plantio e desta forma temos conhecimento da qualidade das sementes, pois quando elas são compradas não sabemos se elas são de qualidade ou não e se elas vêm com veneno, o que não é bom”, explica o casal.

Hoje eles têm uma produção diversa, como palma, capim, leucena, sorgo, milho, feijão, laranja, limão, maracujá, pinha, acerola, mamão,



O casal Daíza e Givanilson tem um banco de sementes



A produção contribui para alimentação dos animais

berinjela, tomate, coentro, cebolinha, girassol, quiabo, feijão de porco e feijão guandu, entre outras. “Usamos boa parte do nosso banco de sementes para fazer a plantação”, conta Daíza.

Na propriedade da família, a agrofloresta interage bem com a criação animal, pois o que é produzido também ajuda na alimentação das cabras, galinhas, patos e guinés. E para fortalecer a criação de animais, a família acessou o Fundo Rotativo Solidário (FRS). “Acessei o Fundo Rotativo Solidário para criação de abelhas. Crio abelhas em parceria com agricultor Luiz Eleutério, já criávamos antes do acesso, e isto veio para dar uma ajuda melhor na criação”, conta Daíza.

No projeto de Fundo Rotativo Solidário o agricultor ou agricultora tem acesso a aquisição de animais de sua escolha e após um ano repassam a mesma quantidade de animais que receberam para outra família da comunidade. Givanilson faz parte da comissão do FRS na região. “Acho muito importante este trabalho porque incentiva os agricultores a trabalhar”, conta o agricultor.

Além do projeto de Fundo Rotativo Solidário, a conquista da cisterna calçadão no ano de 2009 ajudou muito a família com a criação de animais e com a produção de alimentos. Essa cisterna tem capacidade para armazenar até 52 mil litros de água da chuva, através de uma calçada. A cisterna é uma das tecnologias do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA). “Para a produção a gente usava a água do barreiro, mas quando era verão ele sempre secava, hoje utilizamos água da cisterna calçadão. Este é o nosso primeiro ano com a cisterna, mas já deu pra irrigar o canteiro de horta e para os animais”, explica Givanilson.

A família já possuía uma cisterna onde a água é utilizada para beber e cozinhar. “A importância das cisternas é muito grande, pois quando era verão a gente dependia dos carros pipas que traziam água e eram apenas quatro latas d’água para cada casa e a água era salgada. Com as cisternas a gente tem água de qualidade o ano todo”, conta feliz o agricultor.

A renda da família vem da agricultura, mas há alguns anos foi fortalecida com a participação de Givanilson na construção de cisternas. Além de agricultor, ele também é pedreiro e participa das dinâmicas da ASA, através da construção de cisternas em toda a região. “Comecei a fazer cisterna do P1MC (Programa Um Milhão de Cisternas) em 2006 e a partir do ano passado, 2009, passei também a construir cisternas calçadão. E neste ano de 2010 já participei de um curso de construção de barragem subterrânea”, conta Givanilson. Ele diz que o trabalho como pedreiro só trouxe alegrias. “Garante uma renda boa para ajudar em casa e eu gosto de trabalhar, pois a gente conhece vários lugares e faz muitas amizades.”



A cisterna calçadão da família traz água para produção